



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 11/09/2020

CHINA	2
Importaciones cayeron en el mes de agosto pero se mantienen altas	2
Chile : Segunda exportación de vaquillas vivas a China	2
BRASIL	2
Suben los precios en principales zonas ganaderas.....	2
Brasil batió récords de exportación en los dos últimos meses	3
Buen inicio en septiembre	4
Menor faena de vacunos en el segundo trimestre de 2020	4
EMBRAPA realizó un relevamiento sobre explotaciones ganaderas y captura de Carbono	5
Tocantins crea fondo indemnizatorio como parte de las medidas para retirar la vacunación.....	6
URUGUAY	6
Con escasa oferta el mercado del gordo afirma sus valores	6
USDA proyecta aumento de 9% en las exportaciones uruguayas de carne en 2021	7
Carnes uruguayas podrían beneficiarse con el Brexit.....	7
IPA proyecta un nuevo aumento en el stock en 2021	8
Gremiales agropecuarias se oponen a cambios en la cuota Hilton	8
En diciembre saldrán 8.000 vientres en pie Holando y Hereford con destino a China.....	9
PARAGUAY	9
Precio del ganado a frigoríficos exportadores continúa con tendencia alcista.....	9
Creecerían las exportaciones paraguayas de carne bovina en 2021, estimó USDA	10
Se habilitó la faena de vacas y vaquillonas de Paraguay para la exportación de carne a la Unión Europea	10
UNIÓN EUROPEA	10
Consejo informal de Ministros de Agricultura apoyó al etiquetado sobre bienestar animal	10
Comisión avanzó en la aprobación de acuerdo con EE.UU.	10
BREXIT: preocupación de la industria de carnes por temas sin resolver	11
BREXIT organizan encuentro para zanjar diferencias con RU	11
IRLANDA: suspendió pruebas de coronavirus en plantas frigoríficas ante agravamiento de la situación general ...	12
ALEMANIA confirma caso de peste porcina africana en un jabalí encontrado muerto	13
ESTADOS UNIDOS	13
Exportaciones de carne de vacuno en alza pero inferiores a 2019.....	13
TAIWAN crece la oposición ante la flexibilización de importaciones de carnes desde EE.UU.	13
Tres universidades difunden estudio conjunto sobre el Impacto económico del COVID-19.....	14
AUSTRALIA	16
Caída de la oferta limita las exportaciones	16
Menos embarques de hacienda viva en agosto	16
Importancia económica de la industria de carnes australiana	17
Análisis del Mercado de cuero	17
EMPRESARIAS	18
JBS: su estrategia para sortear las restricciones por COVID 19.....	18
Beyond Meat anunció que instalará una fábrica en Shanghai	19
Paraguay: Grupo empresarial chileno hará millonaria inversión en Frigoasunción	19



CHINA

Importaciones cayeron en el mes de agosto pero se mantienen altas

07 September 2020

China imported 832,000 tonnes of meat in August, down almost 17 percent from July – but imports remain high as Beijing seeks to counteract a domestic shortfall in pork production.

Reuters reports that Chinese customs data shows meat imports for July 2020 reaching 998,000 tonnes, but shipments had been expected to slow as exporters suspended cargoes from plants where workers tested positive for COVID-19.

China is also taking additional measures to test arriving shipments for the presence of the virus, which has slowed cargo clearance at some ports.

The August number is the lowest since May when China imported 816,000 tonnes of meat.

Imports for the first eight months of the year are still up 73 percent at 6.58 million tonnes, the General Administration of Customs said on Monday. Customs only began releasing monthly data for all meats combined this year.

China's pork output fell 20 percent in the first half of the year after the fatal hog disease African swine fever ravaged its huge hog herd over the last two years.

Chile : Segunda exportación de vaquillas vivas a China

La noche del viernes arribaron al puerto de Lianyungang en la provincia de Jiangzu, al sur de China, 4.868 vaquillas chilenas, con lo cual se concretó la segunda exportación de estos animales vivos al gigante asiático. La primera se realizó en 2017. Los ejemplares corresponden a la primera entrega de una compra total de 23 [...]

La noche del viernes arribaron al puerto de Lianyungang en la provincia de Jiangzu, al sur de China, 4.868 vaquillas chilenas, con lo cual se concretó la segunda exportación de estos animales vivos al gigante asiático. La primera se realizó en 2017.

Los ejemplares corresponden a la primera entrega de una compra total de 23 mil cabezas por parte de Beijing Longmu Science and Technology Development, la filial comercial de Inner Mongolia YILI Industrial Group Co., la productora y procesadora de productos lácteos más grande de China.

El encargado de recibir el embarque fue el embajador de Chile en el gigante asiático, Luis Schmidt, quien cuenta que tras el viaje de 30 días se registraron solo ocho bajas, y destaca que aunque es difícil alcanzar el número de ejemplares que requieren los compradores chinos, lo que explica que hayan transcurrido cerca de tres años entre la primera y la segunda venta, este negocio es atractivo para los ganaderos y crianceros chilenos. 'Esta demanda seguirá fuerte, pues si bien es cierto que la carne de cerdo es la principal fuente de proteínas en China, la demanda por bovinos ha subido muchísimo debido a la caída de la masa disponible de cerdos a raíz de la fiebre porcina africana, que ha diezmando el 50% de la producción local de cerdos', explica el diplomático.

BRASIL

Suben los precios en principales zonas ganaderas

Sexta-feira, 11 de setembro de 2020 -

Na última quinta-feira (10/9), entre as 32 praças de pecuária monitoradas pela Scot Consultoria, o preço da arroba do boi gordo subiu em metade delas, com estabilidade nas demais.

Em São Paulo, a forte demanda por bovinos com até 30 meses destinados ao mercado externo e a oferta de gado nada abundante provocaram mais outra alta na cotação da arroba do boi gordo.

Os negócios ocorreram em até R\$250,00/@, considerando o preço bruto e à vista.

A cotação da novilha gorda subiu R\$5,00/@ ou 2,2% na comparação dia a dia, e está em R\$235,00/@, nas mesmas condições.

Para o boi mais erado a cotação também subiu. A arroba está cotada em R\$245,00, preço bruto e à vista, R\$244,50/@, sem o Senar, e em R\$241,50, descontado o Senar e o Funrural, o que representou uma alta de 2,1% ou R\$5,00/@ frente ao fechamento de ontem.

No Pará, a cotação do boi gordo subiu nas três regiões pesquisadas no estado.

Em Marabá-PA, o preço ficou em R\$245,00/@, bruto e a prazo. Alta de 2,1% ou R\$5,00/@ na comparação dia a dia. Na região de Redenção-PA, a cotação do boi gordo aumentou R\$3,00/@ ou 1,2% na comparação dia a dia, cotada também em R\$245,00/@, bruto e a prazo.

Em Paragominas-PA, o preço também subiu. O aumento foi de R\$2,00/@ ou 0,8% comparado de ontem para hoje com o boi gordo cotado em R\$242,00/@, nas mesmas condições.



Brasil batió récords de exportación en los dos últimos meses

Por: Vera Ondei 11/09/2020 Nos últimos dois meses, pela primeira vez o volume embarcado ficou na faixa de 160 mil toneladas por período

A carne bovina in natura exportada pelo Brasil nunca foi tão disputada no mercado internacional, como vem ocorrendo desde o início do ano. Com as turbinas ligadas, de janeiro a agosto o País exportou 1,1 milhão de toneladas in natura, por US\$ 4,8 bilhões, recorde absoluto na série histórica do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa), com base no Secex, divulgados nesta sexta-feira (11/9).

A carne in natura é o grande produto agregador de valor, com o qual o Brasil busca mercados competindo na seara de importantes atores globais, entre eles a Austrália, Estados Unidos, Argentina e Uruguai. Nos últimos dois meses, pela primeira vez o volume embarcado ficou na faixa de 160 mil toneladas: 169,3 mil em julho e 163,2 mil em agosto. Respectivamente, com valores de US\$ 690,8 milhões e US\$ 654,2 milhões.

Os dados totais de exportação incluem as carnes in natura e industrializada, mais miúdos, preparações, ossos e suas farinhas, gorduras e extratos, entre outros. Com esse mix, neste ano o Brasil já exportou 1,292 milhão de toneladas de produtos bovinos, por US\$ 5,448 bilhões. O desempenho dos primeiros oito meses está muito próximo do que o País exportou em 2016, ano em que as vendas totais somaram 1,348 milhão de toneladas, por US\$ 5,338 bilhões.

Agregado in natura

Com a demanda internacional aquecida, o Brasil tem beneficiado no valor da tonelada in natura, que neste ano está na média de US\$ 4.329. É o maior já registrado nos últimos cinco anos, na comparação com anos anteriores tomando todo o período. Em 2019, por exemplo, o preço médio da tonelada exportada foi US\$ 3.872.

O preço médio da tonelada mato-grossense ficou pareada com média nacional. Mas, com o maior rebanho bovino do País, o Mato Grosso reinou absoluto, com 242 mil toneladas embarcadas desde janeiro, por US\$ 1 bilhão, valor 31,6% acima do ano passado. Em 2019 foram 199,1 mil toneladas por US\$ 760,6 milhões, ano em que ultrapassou pela primeira vez o Estado de São Paulo nesse período. Neste ano, as exportações in natura paulistas já somam 202,5 mil toneladas, por US\$ 923,9 milhões.

Disposta na compra, a China vem pagando mais pela carne in natura brasileira, exatos US\$ 4.770 por tonelada. Em relação à média geral, o valor está 10,2% acima. Neste ano foram embarcadas ao país asiático 529,9 mil toneladas, por US\$ 2,5 bilhões, praticamente metade de tudo que saiu do Brasil. Na conta não estão as compras de Hong Kong, basicamente para alimentar a China, com 144,3 mil toneladas por US\$ 548,2 milhões.

Exportação de carne in natura nos últimos 5 anos

Em toneladas, entre janeiro e agosto
2020 = 1,1 milhão/t – US\$ 4,8 bilhões
2019 = 956,5 mil/t – US\$ 3,7 bi
2018 = 809,8 mil/t – US\$ 3,3 bi
2017 = 751,9 mil/t /t – US\$ 3,1 bi
2016 = 736,6 mil/t – US\$ 2,9 bi
Fonte: Mapa com base Secex

Por: ESTADÃO CONTEÚDO 08/09/2020

Recorde de agosto

Os embarques brasileiros de carne bovina in natura encerraram agosto com recorde para o mês, atingindo 163,22 mil toneladas, com uma receita de US\$ 654,24 milhões, segundo dados da Secex.

A média diária dos embarques em agosto ficou em 7,77 mil toneladas/dia, um avanço 5,62% quando comparado ao mês de julho. Na comparação anual (frente ao volume médio diário de agosto de 2019), a alta foi de 26,76%.

Ao incluir os embarques de carne processada, o Brasil exportou em agosto um volume recorde de 191.141 toneladas, com aumento de 19% em comparação com igual mês de 2019 (160.938 toneladas), de acordo com a Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo). A receita cambial no mês passado alcançou US\$ 753,2 milhões, avanço de 14% ante US\$ 658,6 milhões de agosto do ano passado.

O Brasil exportou 191,1 mil toneladas do produto, alcançando a receita cambial de US\$ 753,2 milhões no mês

O Brasil exportou em agosto recorde de 191.141 toneladas de carne bovina (in natura e processada), representando aumento de 19% em comparação com igual mês de 2019 (160.938 toneladas).

As informações são da Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo), que compilou dados do Ministério da Economia, por meio da Secex/Decex. A receita cambial no mês passado alcançou US\$ 753,2 milhões, crescimento de 14% ante US\$ 658,6 milhões de agosto do ano passado.



No acumulado do ano, as exportações totais de carne bovina pelo Brasil já alcançam 1,294 milhão de toneladas, em comparação com 1,159 milhão de toneladas até agosto de 2019, num crescimento de 12% ou 139 mil toneladas a mais.

A receita atinge US\$ 5,4 bilhões, ante US\$ 4,4 bilhões no mesmo período de 2019, ou um crescimento de 23%. O prognóstico da Abrafrigo é de que as exportações fiquem acima do crescimento de 12% registrado até agosto, “já que os últimos meses do ano costumam historicamente apresentar crescimento de movimentação”, explica a entidade em comunicado.

Em agosto, a China importou 108 mil toneladas do produto brasileiro, uma leve redução em relação às 115 mil toneladas movimentadas em julho. Do total exportado pelo Brasil no acumulado do ano, a China sozinha é responsável pela movimentação de 62,4% da comercialização, levando-se em consideração o produto que entra pelo continente (530.458 toneladas) e o que foi internalizado pela cidade Estado de Hong Kong (212.261 toneladas), com a soma de 742.719 toneladas.

Em 2019, no mesmo período, a China importou 448.021 toneladas e era responsável por 38%,6% da movimentação total. Depois da China, o segundo maior cliente do Brasil foi o Egito, com a importação de 91.529 toneladas (-25,4%). O Chile veio na terceira posição com 50.360 toneladas adquiridas (-34,2%), enquanto a Rússia ficou com a quarta posição com 43.177 toneladas (-4,6%). Na quinta posição entraram os Estados Unidos, que elevaram suas compras a 34.502 toneladas (+39,7%).

Buen inicio en septiembre

09/09/2020

Caso o cenário se mantenha, o período pode terminar como o melhor da história das exportações brasileiras

A primeira semana de setembro demonstrou que os embarques brasileiros de carne bovina in natura continuam aquecidos nos portos brasileiros.

Segundo informa a consultoria Agrifatto, com base em dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), a média diária das exportações ultrapassou as 8,22 mil toneladas, representando um avanço de 25% frente aos números de setembro de 2019 e 6% maiores do que a média diária de agosto de 2020.

“Mantido esse ritmo, provavelmente teremos o melhor mês de setembro da história para a exportação de carne bovina brasileira”, prevê a Agrifatto.

Menor faena de vacunos en el segundo trimestre de 2020

Por: Portal DBO 10/09/2020

Segundo o IBGE, o resultado é o mais baixo para um 2º trimestre desde 2011

O Brasil registrou o abate de 7,3 milhões de cabeças de bovinos sob algum tipo de serviço de inspeção sanitária no segundo trimestre, queda de 8,0% ante igual período de 2019. Em relação ao primeiro trimestre de 2020, houve alta de 0,3%. Os dados divulgados fazem parte da série de Pesquisas Trimestrais do abate de bovinos, leite, couro e da produção de ovos de galinha, divulgadas nesta quinta-feira (10/9), pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

De acordo com o órgão, a quantidade de bovinos abatidos no segundo trimestre foi a menor para o mesmo período, desde 2011. Na comparação mensal, abril apresentou a maior queda em relação a 2019, com 15,1% de animais abatidos a menos, por causa da pandemia de Covid-19. “A quarentena iniciada no fim de março de 2020, por conta da pandemia de Covid-19, pode ter causado o maior impacto no mês subsequente, devido à reestruturação do setor para se adaptar ao cenário adverso”, informa a nota do IBGE.

Conforme a entidade, a valorização do preço dos bovinos também é outro fator. “O bezerro está valendo mais, por isso há uma menor disponibilidade de animais para o abate, com mais retenção de fêmeas para criação de bezerras”, afirma Bernardo Viscardi, supervisor de pesquisas do IBGE.

Por outro lado, em junho foi detectado um aumento de 1,8%, informou o órgão. O abate de 638,11 mil bovinos a menos no segundo trimestre, ante igual período de 2019, foi impulsionado por reduções em 22 dos 27 Estados. Mato Grosso continua liderando o abate de bovinos, com 16,0% da participação nacional, seguido por Mato Grosso do Sul (11,5%) e São Paulo (10,7%).

Entre as quedas com participação acima de 1,0%, as reduções mais significativas ocorreram em: Mato Grosso (-165,71 mil cabeças), Pará (-92,23 mil cabeças), Mato Grosso do Sul (-75,54 mil cabeças), Rondônia (-67,64 mil cabeças), Bahia (-51,51 mil cabeças), São Paulo (-34,38 mil cabeças), Goiás (-32,30 mil cabeças), Rio Grande do Sul (-31,88 mil cabeças), Tocantins (-22,06 mil cabeças), Maranhão (-17,40 mil cabeças) e Acre (-16,96 mil cabeças). Em contrapartida, as maiores variações positivas ocorreram em: Santa Catarina (+14,06 mil cabeças) e Minas Gerais (+10,04 mil cabeças). Por Denis Cardoso e Ricardo Soares



EMBRAPA realizou un relevamiento sobre explotaciones ganaderas y captura de Carbono

Por: Embrapa 04/09/2020 Brasil sai na frente, mas grandes produtores de carne vermelha querem o mesmo, entre eles Argentina, Austrália e Estados Unidos

O Centro de Inteligência da Carne Bovina (CiCarne), órgão da Embrapa apresentou um levantamento do atual estágio dos trabalhos e pesquisas em busca de sistemas de criação de gado que neutralizem as emissões de gases de efeito estufa na produção dos animais.

Nesta semana ocorreu o lançamento nacional do protocolo “Carne Carbono Neutro” (CCN), uma parceria da Embrapa e da Marfrig que define como neutralizar as emissões de gases de efeito estufa pela produção de 1 kg de carne em sistemas que integram bovinos de corte e florestas plantadas para a indústria de mobiliário e construção, nas condições e premissas descritas no protocolo.

Em Piquerobi, animais integrados ao plantio de mogno africano – Foto: Fazenda Ribeirão Claro

Na apresentação oficial do CCN, a Embrapa e a Marfrig anunciaram outro protocolo, o “Carne Baixo Carbono” (CBC), ainda em elaboração, mas sobre o qual já se pode adiantar que considerará a fixação do carbono no solo pela pastagem como um item importante para a mitigação das emissões de gases de efeito estufa.

Algumas iniciativas de neutralização do carbono na produção de bovinos ou na atividade agropecuária como um todo estão em andamento em outros países.

A Argentina lançou o programa argentino de carbono neutro em novembro de 2019 para toda a agropecuária. O programa ainda não possui escopo ou plano bem definido, e é muito recente para que protocolos e certificados específicos para a produção de bovinos ou qualquer outra atividade sejam produzidos, mas a velocidade com que um protocolo assim pode ser produzido pelo país vizinho pode surpreender, agora que o Brasil lançou o seu.

A Associação da Indústria da Carne Vermelha e Pecuária Australiana (Meat & Livestock Australia, MLA) estabeleceu o programa CN30, com a “meta ambiciosa de se tornar neutra em carbono em 2030”. O “roadmap” do programa CN30 inclui diversas medidas, como o uso de suplementos alimentares para a redução de metano entérico emitido, novos métodos de contabilidade de carbono que considerem a fixação no solo, a redução das queimadas nas áreas de savana, a fixação de carbono na produção de árvores e arbustos como abrigo e sombra, o plantio de leguminosas para alimentação animal e aumento de matéria orgânica (e carbono) no solo, o aumento da eficiência na produção e até o estímulo à produção do “dung beetle” (besouro do esterco, ou “rola-bosta”).

Ali perto, a iniciativa “Beef+Lamb New Zeland” 5 (B+LNZ), lançada em maio de 2018, pretende atingir a neutralidade de carbono da produção de carne ovina e bovina até 2050, além da “biodiversidade próspera” nas fazendas de ovinos e bovinos, da água mais limpa, e de solos produtivos e saudáveis. Para isso, a B+LNZ tem como primeira meta que cada agricultor tenha e implemente um “Land and Environment Plan”. Curiosamente, embora a B+LNZ por um lado “apoie fortemente” o plantio de árvores em fazendas de ovinos e bovinos, por outro lado pede cuidado com o impacto negativo que a conversão de terra agricultável em floresta plantada poderia ter no nível de emprego em comunidades rurais.

Nos Estados Unidos (EUA), mais especificamente na Califórnia, a iniciativa CLEAR – Clarity and Leadership for Environmental Awareness and Research da UC Davis para a redução da contribuição da produção de leite para o aquecimento global tem como principal componente uma proposta de como a contribuição do metano entérico produzido pelo manejo de esterco em confinamento deveria ser considerada. O principal argumento é que o metano de origem animal é resultado de CO₂ fixado pela fotossíntese da pastagem ou da produção de qualquer outro suplemento de origem vegetal. Posteriormente, esse metano volta a ser CO₂ atmosférico em curto espaço de tempo (cerca de dez anos) pelo processo natural conhecido como “oxidação por hidroxila”.

Dessa forma, ele contribui bem menos ao aquecimento global do que lhe é atribuído pelo consenso científico atual, especialmente quando comparado com o CO₂ e metano emitidos pela combustão, extração e transporte de combustível fóssil, cujo carbono estava enterrado há milhões de anos. Na verdade, os proponentes dessa abordagem consideram que a produção do mesmo volume de carne com a redução do rebanho por meio de ganhos de eficiência levaria à redução não só das emissões anuais, mas do estoque de metano na atmosfera, resultando em uma contribuição da pecuária ao esfriamento global. Além de uma nova abordagem para a estimativa do impacto do metano no aquecimento global, a iniciativa CLEAR recomenda a produção e armazenamento de metano a partir do manejo do esterco recolhido em confinamento e o consumo deste metano como gás combustível, substituindo a sua emissão direta pela emissão de CO₂. Embora a proposta de manejo do esterco e uso do metano faça mais sentido para a produção de leite, em que o acúmulo de esterco e o seu correto manuseio e disposição na natureza são problemas mais relevantes, também faz sentido para a produção de bovinos de corte no confinamento. A proposta de revisão metodológica de como considerar o metano entérico nas estimativas de emissões também é interessante para a produção de carne bovina. Fonte: Embrapa, adaptado por DBO



Tocantins crea fondo indemnizatorio como parte de las medidas para retirar la vacunación

Por: Portal DBO 08/09/2020 Uma das exigências do Mapa, para a retirada da vacinação, é que o Estado possua um fundo indenizatório ativo para atender os produtores em casos de emergências sanitárias. Entidades assinam termo de convênio para retomada do fundo indenizatório, um dos requisitos para retirada da vacinação contra a febre aftosa. Foto: Welcton de Oliveira

Para o Tocantins retirar a vacinação contra a febre aftosa a partir de 2021, uma das exigências prevista no Programa Nacional de Erradicação e Prevenção da Febre Aftosa-PNEFA do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), é de que ele e os demais Estados estejam com um fundo indenizatório ativo para atender os produtores rurais, nos casos de emergências sanitárias.

Visando à adequação, o Governo do Tocantins, por meio da Agência de Defesa Agropecuária (Adapec), e o Fundo de Desenvolvimento Agropecuário (Fundagro) assinaram o Termo de Convênio, na última sexta-feira, 4 de setembro, para o retorno à arrecadação a partir do dia 14 de setembro. A medida segue a Portaria Federal nº 116, de 20 de setembro de 2017.

De acordo com a Adapec, o aporte indenizatório será uma garantia aos produtores rurais contra possíveis prejuízos causados por doenças no rebanho, a exemplo da febre aftosa, bem como aprimorar a qualidade nas ações e no atendimento.

“É um momento histórico que vai assegurar que estamos preparados para retirar a vacina e enfrentar adversidades, esse caminho resultará em mais credibilidade e acesso a mercados internacionais mais exigentes”, disse Alberto Mendes da Rocha, presidente da Adapec.

O presidente do Fundagro, Saddin Bucar, explica que a arrecadação será convertida em indenizações e benefícios a todos os pecuaristas cadastrados na Adapec e com as obrigações sanitárias em dia. Há aproximadamente 56,4 mil com bovinos e bubalinos. “É um grande avanço na pecuária do Tocantins, o fundo ativo colabora com a retirada da vacinação, além de ser um seguro e uma garantia do patrimônio do produtor rural”, afirmou.

De acordo com o secretário de Estado da Agricultura, Pecuária e Aquicultura, Thiago Dourado, a união público-privada fortalece a defesa agropecuária na ampliação de mercados, valorização de produtos, dentre outros. “Somar esforços gera alcance e segurança para os produtores tocantinenses, bem como concretizará o avanço a novos mercados e melhoria na estruturação da defesa agropecuária”, disse.

A superintendente do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural Tocantins (Senar), Raykley Luzza, enfatizou que a retomada do fundo é um momento muito importante para o setor agropecuário, já que é essencial para retirada da vacinação contra a febre aftosa.

Participaram do encontro, representantes do Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins), da Federação da Agricultura e Pecuária do Tocantins (Faet) e demais servidores.

Entenda como funcionará

O boleto será emitido no momento da emissão da Guia de Trânsito Animal (e-GTA) para bovinos e bubalinos, no valor de R\$ 0,50 (cinquenta centavos) por animal, juntamente com o Documento de Arrecadação da Receita Estadual (Dare). Os valores irão para a conta do Fundo, que repassará 50% da quantia arrecadada a Agência, por meio da aquisição de veículos, móveis, reformas nas barreiras fixas e escritórios, equipamentos, dentre outros.

No Estado, o Fundo existe desde 1999, mas em 2005 suspendeu a operacionalização. A arrecadação feita durante esse período, somada com os rendimentos de juros, faz com que o Fundagro atualmente tenha um saldo de cerca de R\$ 20 milhões, que poderá ser usado como indenização aos pecuaristas em casos de emergências sanitárias.

URUGUAY

Con escasa oferta el mercado del gordo afirma sus valores

por Cecilia Pattarino

El precio del ganado gordo aumenta sus valores. Las industrias están en los últimos días de faena de ganados de corral con destino a la Cuota 481 y aunque mantienen las faenas de ganados de encierro no cuota comienzan a mostrar algo más de interés por los ganados de pasto.

La oferta de ganados de pasto es escasa y se mantiene la disparidad entre plantas tanto en precios como en cargas. Por novillos especiales de exportación se concretaron negocios entre US\$ 3,3 y US\$ 3,40 por kilo en cuarta balanza. Las entradas a planta van entre siete y 15 días.

Los valores de punta para la vaca gorda especial se ubican entre US\$ 3,05 y US\$ 3,15 dependiendo de la industria compradora. En el caso de la vaquillona con destino al abasto –muy demandada- los negocios se concretan entre US\$ 3,30 y US\$ 3,35, mientras que las que tienen como destino la exportación se mueven entre US\$ 3,25 y US\$ 3,30.

Facundo Schauricht de Zambrano y Cía e integrante de la directiva de la Asociación de Consignatario de Ganado (ACG) dijo a Blasina y Asociados que “la oferta se mantiene escasa y no hay mucha concreción



de negocios. Los frigoríficos están pasando algunos centavos más que en semanas anteriores pero son valores que convencen a los productores que no tienen urgencia por vender.

USDA proyecta aumento de 9% en las exportaciones uruguayas de carne en 2021

por Cecilia Ferreira

La oficina del USDA en Buenos Aires proyectó que en 2021 la producción de carne vacuna en Uruguay llegará a 550.000 toneladas peso carcasa, un incremento de 8,8% frente a las 510.000 toneladas estimadas para este año. En su informe bianual los técnicos del USDA pronosticaron que las exportaciones el año que viene aumentarán 9% hasta 435.000 toneladas peso carcasa.

Para el cierre de 2021 se previó que el stock ganadero sea de 12,2 millones de cabezas, el más alto para la fecha desde 2005 tras varios años de altas producciones de terneros y menores exportaciones de ganado en pie.

En el informe se prevé para 2021 una faena de 2,2 millones de cabezas frente a 2 millones de 2020 cuando, en general, la industria maneja un incremento de casi medio millón de toneladas desde 1,8 millones este año a 2,3 millones en 2021.

Por el lado del comercio, el USDA proyecta una recuperación de las exportaciones. Asimismo, “en 2021 las exportaciones continuarán sufriendo una desventaja de precio respecto a otros proveedores regionales debido a los altos costos de producción de Uruguay y a la devaluación de las monedas en países competidores”, apuntó.

El consumo interno de carne vacuna aumentaría 3% en 2021 hasta 165.000 toneladas peso carcasa de la mano de la recuperación de la economía. Con mayor oferta interna de carne, las importaciones caerían 10% el año que viene hasta 45.000 toneladas.

Las exportaciones de ganado en pie en 2021 llegarían a 200.000 cabezas contra las 120.200 con las que cerraría este año y las 137.000 cabezas de 2019. A pesar de la recuperación esperada para el año que viene, las ventas externas de ganado en pie se ubicarán por debajo del promedio anual de 2015-2018 de 310.000 animales debido a “precios poco competitivos”.

El USDA destacó que Uruguay tiene uno de los rodeos más productivos de la región, con tasas de preñez del 75 % y tasas de destete del 65%. Subrayó la producción récord de terneros, de 3,1 millones de cabezas. Y proyectó para 2021 que el stock de vacas de cría y vaquillonas se mantendrá estable.

Una fuente de la industria estimó que con una tasa de preñez de 75% en 2020 resultaría en aproximadamente 2,8-2,9 millones de terneros destetados en 2021.

Respecto a la oferta de ganado de corral, el USDA estimó que el cierre del 2021 representará entre 17% y 20% de la faena.

Sobre el precio del ganado en 2021, fuentes consultadas por el USDA estiman que una mayor cantidad de ganado disponible para faena ejercerá una presión a la baja sobre los precios del ganado.

Por el lado industrial, el USDA señaló que, pese al enfoque del nuevo gobierno de mejorar la competitividad de las exportaciones, se espera que el sector industrial continúe presionado, con altos costos. En una situación desventajosa de precios en los mercados clave frente a Argentina y Brasil, ambos países con un dólar más competitivo.

Carnes uruguayas podrían beneficiarse con el Brexit

11/09/2020 El presidente de INAC, Fernando Mattos aspira a lograr acceso diferencial en Reino Unido.

La salida del Reino Unido de la Unión Europea, conocido como Brexit, puede representar una oportunidad para las carnes uruguayas, según estimó el presidente del Instituto Nacional de Carnes (INAC), Fernando Mattos.

Según la consultora holandesa Rabobank, en los próximos años, el Reino Unido se convertirá en el quinto o sexto importador mundial de carnes, porque la aceptación de los consumidores de la carne de países extra bloque y las barreras no arancelarias, desempeñarán un papel importante a la hora de determinar quienes abastecen en última instancia al mercado de carne bovina del Reino Unido en el futuro.

La consultora estimó días atrás que la segunda ola de Covid-19 en el estado de Victoria llevará a restricciones en la producción de carne bovina. Sin embargo, como hay un menor número de cabezas de ganado disponibles para faena, esto podría llevar a que las interrupciones en la industrialización sean mínimas.

Visión. El presidente del Instituto Nacional de Carnes coincide con que el Reino Unido tiene un déficit importante de carnes y precisa abastecedores seguros. “Eso puede representar una oportunidad para Uruguay”, porque, además de las necesidades que tiene el Reino Unido de comprar y Uruguay de vender, “claramente la decisión del Brexit es una decisión que inicia el Reino Unido y que después acuerda con la Unión Europea. Por lo tanto, si quiso salir, no debería aplicar las mismas reglas que aplica la Unión Europea, quieren ser distintos”.

Uruguay estaba vinculado en el acceso de su carne con el Reino Unido a través de su cuota Hilton, donde están incluidos los cortes de mayor valor de la res (lomo, bife ancho, bife angosto y cuadril).



“Hoy se supone que si se toma la proporción de carne que iba al continente y la que iba a Gran Bretaña, Uruguay sale perjudicado, porque en lugar de vender a un solo mercado vende a dos y la estadística es falsa”, explicó Mattos.

Es que había mucha carne que “por efecto Rotterdam, iba al continente y luego terminaba en el Reino Unido”, detalló el titular del INAC.

En definitiva, las estadísticas no reflejan exactamente la realidad y por lo tanto, “deberíamos sentarnos en una mesa, junto con el gobierno británico, a los efectos de ver cuáles son las posibilidades de una mejora en el acceso a ese mercado”, insistió el presidente del INAC.

La ventaja es que ambos países tienen un relacionamiento largo en materia de carnes y es parte de la historia.

“Hemos sido proveedores del Reino Unido por muchísimos años y creo que tenemos una oportunidad para sentarnos, conversar y ver, de qué forma Uruguay puede mejorar las condiciones de acceso a ese mercado, que se va a transformar en uno de los destinos importadores más importantes”, insistió Mattos.

Por otro lado, las carnes uruguayas pueden diferenciarse de las que producen otros proveedores, ya sea por sus condiciones productivas, por la ausencia de hormonas y promotores de crecimiento, por sus certificaciones, por la seguridad alimentaria o por la certificación de otros atributos.

“Con el Reino Unido podemos establecer condiciones de acceso que otros países vienen negociando”, estimó el presidente del INAC. Es por eso que el organismo recomendó a la Cancillería que inicie contactos “a mayor nivel, a efectos de que podamos tener una condición de negociación especial. Hay una instancia de negociación que hay que hacer y el Reino Unido estará interesado en virtud de las condiciones seguras que tiene Uruguay”, explicó.

Prioridades del sector y una agenda apretada.

La agenda de acceso a mercados cárnicos 2020-25 apunta no sólo a mejorar el acceso sanitario, también a la baja de aranceles, donde se paga anualmente más de US\$ 205 millones. La cadena cárnica uruguaya busca subir a US\$ 3.000 millones el ingreso generado por sus exportaciones, logrando así un salto de 25% en el valor de las exportaciones, lo que llevará a que toda la cadena exportadora ingrese a un círculo virtuoso.

Las ventajas sanitarias que Uruguay tenía frente a otros competidores de la región como Brasil y Argentina están terminando.

La agenda proyectada por las autoridades del INAC y el gobierno, presenta cuatro países claves donde se precisa marcar mayor presencia: Estados Unidos, Corea del Sur, Japón y Reino Unido. Hay otros nichos en el sureste asiático donde también existen oportunidades comerciales y Uruguay puede destacarse con productos de alta calidad.

IPA proyecta un nuevo aumento en el stock en 2021

por Cecilia Pattarino

El Instituto Plan Agropecuario estimó un incremento en el stock vacuno en el ejercicio agrícola 2020/21 alcanzando los 12,449 millones de animales. Este dato fue presentado en la conferencia “Las cifras del stock vacuno al 2020 y sus implicancias” en la Expo Prado.

Con una mirada hacia el 2021, el técnico del Plan Agropecuario, Esteban Montes estimó un 65% de marcación en 2020, lo que llevaría a 2,941 millones de terneros en la próxima declaración jurada –los que están naciendo ahora-. Por debajo de los 3,1 millones alcanzados este año pero aun así una buena cifra respecto a años anteriores.

Por lo tanto, suponiendo que se mantiene la faena en 1,976 millones y la exportación en pie en 124 mil cabezas –como en el año 2019/20-, el stock pasará de 12,154 millones en 2019/20 a 12,449 millones de cabezas en 2020/21 impulsado por un aumento en las vacas de cría y de invernada y en los novillos de dos a tres años y de más de tres años.

“Podemos suponer que la faena podría alcanzar los 2,2 millones de cabezas: va a haber 140.000 novillos más y 100.000 vacas más aptos para faena. Y va a haber 400 mil terneros para exportar en pie sin resentir el stock”, explicó Montes.

Gremiales agropecuarias se oponen a cambios en la cuota Hilton

08/09/2020 - 2:19 PM

Desde la junta de INAC se continúa analizando la posibilidad de cambiar la designación de la cuota Hilton a “preferentemente terminado a pasto”

Las gremiales agropecuarias se oponen a cambiar la denominación de la cuota Hilton y pretenden que continúe siendo un cupo “exclusivamente a pasto”, al tiempo que las autoridades de la industria cárnica uruguaya analizan la posibilidad de solicitar a la Unión Europea (UE) una flexibilización de lo que esta considera, para que se permita también incluir en ese abasto externo a carne de animales terminados a grano, y no solamente a pasto.



La Federación Rural –así como el resto de las gremiales agropecuarias– considera que el cupo debe mantener sus condiciones porque, de no ser así, podrá afectar a los ganaderos que producen a pasturas, pero entienden que el asunto merece un estudio profundo.

“Si no es así podría entrar ganados a corral y eso es una discusión en los precios en el momento de la faena, que se use solo ganado de corral y, así, el precio de los novillos cambie. Afectamos la comercialización, no lo vemos claro. Por eso nos oponemos”, explicó a Rurales El País Julio Armand Ugón, presidente de la FR.

Otro de los argumentos que utilizan los gremialistas es que Europa atraviesa una situación complicada, por lo que cambiar la reglamentación en este momento “podría generar problemas”.

De todas maneras, Armand Ugón informó que el tema continúa arriba de la mesa y que la decisión final le compete al Instituto Nacional de Carnes (INAC), aunque resaltó que la postura de su gremial, y del resto de las instituciones agropecuarias, es la de “Mantener el protocolo tal cual está: exclusivamente terminado a pasto”, concluyó.

Sobre el cupo. La Hilton es una cuota de cortes cárnicos de alto valor comercial con un arancel intracuota del 20% que otorga la UE a un número reducido de países: Argentina, Brasil, Uruguay, Paraguay, Estados Unidos, Australia y Nueva Zelanda; con distintos volúmenes por proveedor.

En 2019/20 Uruguay no pudo completar la Cuota Hilton, quedó disponible un 28% de las 6.376 toneladas totales; debido a la escasez de novillos terminados, el impacto de la pandemia en el consumo de proteína roja en restaurantes, y la fuerte demanda del mercado chino, que se concentró principalmente en los primeros seis meses del año agrícola.

En diciembre saldrán 8.000 vientres en pie Holando y Hereford con destino a China

08/09/2020 - El negocio, a cargo de la firma Ormando & Cía, ya comenzó su operativa de compras

Un nuevo barco con ganado en pie partirá hacia China a fines de diciembre. El negocio está a cargo de la firma Ormando & Cía e incluye 8.000 vientres (terneras y vaquillonas), que son 5.000 cabezas Holando y 3.000 Hereford.

Todo el ganado debe estar vacío y contar con, además de la sanidad completa, un certificado racial expedido por las sociedades criadoras, tanto de Holando como de Hereford.

En diálogo con Rurales El País Juan Ormando, director de la firma exportadora, informó que se ofrece entre US\$ 550 y US\$ 600 por las terneras y vaquilloncitas Holando de 180 kilos aproximadamente y no más de 18 meses de edad.

“Por un tema de la situación de sector estamos apuntando a comprar al contado, y con adelanto. Ofrecemos rapidez de levantar el ganado”, comentó.

Por la oferta de ganado Hereford, también terneras y vaquillonas bien definidas, se maneja entre US\$ 2,10 y US\$ 2,20 por kilo dependiendo el volumen, la carga y el negocio.

En lo que refiere al mercado chino, el exportador opinó que hay “cierta estabilidad” y sostuvo que este “no va a ser el único barco de este año”.

“Creo que China se está estabilizando y eso es lo importante. Los precios los va a marcar el mercado”, indicó.

El barco partirá a fines de diciembre y durante los primeros días de noviembre se empezará con la cuarentena.

“Uruguay tiene tres o cuatro razas que puede ofrecer, como Hereford, Angus y Holando con volumen interesante para hacer negocios, pero no hay preferencias por razas. China es grande y cualquier negocio es importante. Sí se solicita que sean razas definidas y certificadas”, concluyó

PARAGUAY

Precio del ganado a frigoríficos exportadores continúa con tendencia alcista

07/09/2020 GANADERÍA

Tras cerrar el viernes con una valorización de US\$ 0,15 por kilo carcasa, todas las categorías de haciendas gordas abrieron la semana con un nuevo aumento en las cotizaciones. Un operador comentó a Valor Agro que la tabla de precios de las plantas exportadoras volvió a corregir al alza en el orden de los US\$ 0,05 por kilo al gancho. Ubicó al novillo Chile en US\$ 2,60 a la carne, mientras el Europa cotiza US\$ 0,05 más. De todas maneras, dijo que, al igual que en las últimas semanas, por lotes especiales se puede conseguir una referencia superior. La fuente posicionó a la vaquilla en US\$ 2,50-US\$ 2,55 y a la vaca en US\$ 2,40 por kilo carcasa. Otro operador señaló que la tendencia alcista de valores responde a que la demanda de hacienda gorda continúa superando a la oferta, pero alertó por un equilibrio cercano a partir que los animales de confinamiento aparezcan en el mercado.



Creecerían las exportaciones paraguayas de carne bovina en 2021, estimó USDA

09/09/2020 GANADERÍA

Un aumento de la producción, junto a una menor demanda doméstica y la expectativa de mejora de la demanda en trascendentes mercados de exportación elevarían las exportaciones paraguayas de carne vacuna a 360 mil toneladas equivalente carcasa en 2021, proyectó el Foreign Agricultural Service (FAS) del USDA. Según difundió Faxcarne, la campaña de vacunación obligatoria contra brucelosis está mejorando la salud del rodeo, pero una severa sequía a lo largo de algunas de las zonas de producción impactó negativamente sobre la tasa de destete. Para el año en curso se estiman exportaciones por 330 mil toneladas. En 2021 la producción de carne vacuna en Paraguay se proyecta un aumento, casi del 4% respecto al año en curso, a 550 mil toneladas, con la expectativa de que se mantenga una tendencia marginal de crecimiento. El peso medio de faena debería rebotar a niveles normales luego del impacto de la sequía este año, que adelantó la salida de animales de los feedlots.

Se habilitó la faena de vacas y vaquillonas de Paraguay para la exportación de carne a la Unión Europea

04/09/2020 - La aprobación se confirmó luego que la Unión Europea aprobara el sistema de trazabilidad del estradiol que propuso el Senacsa para obedecer la actualización de la normativa sanitaria

Después de cinco meses de suspensión de la faena de vacas y vaquillas para la exportación de carne a la Unión Europea, el Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa) habilitó el procesamiento industrial de las categorías de vientres para ese destino.

La aprobación, publicada en el portal paraguayo Valor Agro, se confirmó luego que el viejo continente aprobó el sistema de trazabilidad del estradiol que propuso el Senacsa para obedecer la actualización de la normativa sanitaria de la Unión Europea, que prohíbe la utilización del producto en hacienda que se faena para ese destino.

El estradiol es una hormona que se utiliza en el país en la Inseminación Artificial Tiempo Fijo (IATF), una herramienta que se aplica, aproximadamente, un millón de veces al año. En cuanto a la faena, durante el 2019 los frigoríficos habilitados procesaron 350.000 seleccionados para Europa, y un 20% del total fueron hembras (8% vacas y 12% vaquillas).

En la resolución difundida por el Senacsa, "se prohíbe la exportación a la Unión Europea de carne de bovinos tratados con productos que contengan estradiol y sus ésteres en su formulación".

UNIÓN EUROPEA

Consejo informal de Ministros de Agricultura apoyó al etiquetado sobre bienestar animal

04/09/2020 Los ministros de agricultura de la UE se reunieron para una reunión informal en Coblenza, por invitación de la ministra de Agricultura de Alemania, Julia Klöckner. La iniciativa de ésta sobre una etiqueta de bienestar animal en toda la UE recibió un amplio apoyo.

El debate representó un paso importante hacia un mayor bienestar animal en Europa. La ministra aseguró que también era necesario alcanzar un consenso en la UE sobre hasta dónde deberían poder transportarse los animales y en qué condiciones. Dijo que se debe garantizar que los animales reciban el cuidado adecuado cuando se transportan.

Si este no es el caso, debe quedar claro que los animales no pueden ser cargados en primer lugar, señaló la ministra.

Las lecciones de la crisis del coronavirus, el transporte de animales y la procedencia de los productos también se debatieron en la Reunión informal de Ministros de Agricultura de la UE en Coblenza.

Comisión avanzó en la aprobación de acuerdo con EE.UU.

The European Commission today published a proposal for a Council and European Parliament regulation to scrap duties on certain imports to the EU. In return, the United States will reduce its duties on certain EU exports to the U.S. market. This will put into effect the agreement announced by the EU and the U.S. on 21 August 2020. These tariff reductions between the EU and the U.S. will increase access to both EU and U.S. markets by around €200 million per year. Executive Vice-President Valdis Dombrovskis said: "The EU and the U.S. share the most important economic partnership in the world, with trade in goods and services worth over €1.3 trillion annually. This deal provides both sides with a true win-win outcome, helping us to strengthen our partnership even further. Lowering tariffs on both sides improves access for our exporters and reduces the cost of imported goods. Those are both critically important factors in this time of coronavirus-related economic crisis. From the EU side, we view this agreement as an important step towards improving our relationship and resolving outstanding disputes. We remain eager to deepen transatlantic cooperation wherever possible as we firmly believe that, when it comes to truly global challenges, the chances of achieving successful global outcomes are improved if the European Union and



United States work together.” Once approved in line with the relevant procedures on either side of the Atlantic, the agreement will entail the reduction of U.S. tariffs on EU exports worth some \$160 million a year.

BREXIT: preocupación de la industria de carnes por temas sin resolver

08 September 2020 New meat industry campaign exposes glaring weaknesses in Brexit preparations that puts £1.2 billion in trade at risk

Despite reassurances from the UK's Prime Minister last week that “we're ready for any eventuality”, the reality is that many key issues remain unresolved. Brexit contingency preparations are proceeding at a snail's pace and the UK Government's "Brexit Report Card" to date reveals some glaring weaknesses in an export system that is about to become massively overloaded.

Unless a number of key issues are urgently addressed, £1.2 billion of annual meat exports will be at risk along with thousands of jobs in the meat and livestock sector.

The Chief Executive of the British Meat Processors Association, Nick Allen said: “After months of meetings and talks with Government which have yielded little progress, the British meat industry, along with other sectors that rely on overseas trade, has lost patience and we are calling publicly for Government to step up the pace and solve these issues before it is too late.”

“With less than four months to go Britain has a woeful lack of infrastructure and people to operate the new export system which if not addressed, will result in massive delays, extra cost and lost orders.”

What needs immediate action

These are things that will need to happen regardless of whether or not we get a deal, and if not addressed have the ability to severely damage the UK meat export market.

Export health certificates

Currently, of all the consignments of meat products dispatched from the UK each year, only those to "Third Countries" require Export Health Certificates. This represents a tiny percentage of the total number of consignments leaving the country as the remainder are delivered to EU countries, often as smaller mixed loads known as "groupage".

After 31 December all consignments, including those to the EU, will require an Export Health Certificate, meaning the system will have to cope with a flood of new applications. We need firm assurances from Government that the new system we have been promised will be up and running at full capacity by the end of the year.

Not enough vets

Because all meat exports after 31 December, including those to the EU will require an Export Health Certificate, this also means that every overseas consignment from every meat plant across the country will need to be inspected by an Official Veterinarian prior to dispatch. Currently only third country exports require this.

There are simply not enough trained vets in the UK to cover this additional workload and we need the Government to tell us how they are going to resolve this issue.

Health & ID marks

If we want to continue exporting meat after 31 December we need definitive confirmation that the new Government proposed Health Marks, which are used to certify the export standard, have been agreed with all our trading partners. Without this nothing can be exported. In reality we risk losing orders from September onwards because of the 3 to 4-month lead times involved. Those orders will be scooped up by Britain's competitors.

Groupage (the convenience of mixed loads of products)

Deliveries of meat destined for the EU currently makes use of the fact that small, regular consignments can be grouped together into big ones and sent off on a daily basis, which is both cost effective and reduces waste.

After 31 December this option will not be available because Government guidelines state that groupage of fresh and frozen meat is not allowed to third countries, which the EU will by then become. If this doesn't change and UK companies can no longer use groupage, they will be at a significant competitive disadvantage and very likely lose orders.

The BMPA's message to the Government is that this is not good enough. They have had four years to prepare and have known all along that these technical issues will need to be addressed regardless of whether or not we get a deal. We're now less than four months from the end of the transition period and we can't stay silent on the lack of progress any longer

BREXIT organizan encuentro para zanjar diferencias con RU

10 September 2020 The UK and European Union will hold emergency talks on 10 September over Prime Minister Johnson's plan to renege on key aspects of the Brexit divorce agreement.



Reuters reports that EU leaders will explore possible legal actions against London if they break the existing Brexit agreement.

European Commission Vice President Maros Sefcovic will meet British counterpart Michael Gove in London at 1200 GMT and chief negotiators Michel Barnier and David Frost will hold trade talks.

If unhappy with what London says, the EU could use a part of the Withdrawal Agreement to take legal action against Britain, though there would be no resolution before the end-of-year deadline for Britain's full exit.

"The dispute-settling mechanism under the Withdrawal Agreement is there," an EU diplomat dealing with Brexit told Reuters.

Two other EU officials said the Commission would analyse Britain's proposed Internal Market Bill - overriding parts of the Withdrawal Agreement - once it is passed to take account of amendments before making a final decision on the legal case.

A note distributed by the EU executive to the 27 EU member states said the bloc could start so-called infringement procedures against Britain.

The British government says its planned law, put forward on Wednesday, merely clarifies ambiguities in the Withdrawal Agreement, but also says its main priority is the 1998 Northern Irish peace deal that ended decades of violence. It said the bill would be debated on Monday 14 September.

Europe's leaders have been handed an ultimatum: accept the treaty breach or prepare for a messy divorce when Britain disentangles itself from the EU at the end of the year.

Britain signed the treaty and formally left the EU in January, but remains a member in all but name until the end of 2020 under a status quo agreement.

Former British leaders Theresa May and John Major scolded Johnson for considering an explicit, intentional breach of international law.

"If we lose our reputation for honouring the promises we make, we will have lost something beyond price that may never be regained," Major said.

European diplomats said Britain was playing a game of Brexit "chicken", threatening to wreck the process and challenging Brussels to change course. Some fear Johnson may view a no-deal exit as a useful distraction from the pandemic.

"I'm not optimistic at this stage," Irish Prime Minister Micheal Martin told national broadcaster RTE when asked how confident he was in a trade deal being reached. He said trust in negotiations had been undermined, making it harder to secure a free trade agreement without tariffs and quotas.

IRLANDA: suspendió pruebas de coronavirus en plantas frigoríficas ante agravamiento de la situación general

10 September 2020

Ireland's Health Service Executive (HSE) has suspended COVID-19 testing for meat plant workers as demand for screening increases and capacity is stretched.

According to reporting in The Irish Times, the HSE's testing protocols for meat plants are expected to resume next week.

Similar to other countries, Ireland's meat plants have been coronavirus hotspots. Currently, there are four COVID-19 infection clusters at slaughterhouses across the country.

Ireland ramped up surveillance efforts at its abattoirs in August in response to a surge in cases across three rural counties.

In a statement to opposition political party Sinn Féin, HSE director of public health mid-west Dr Mai Mannix said a decision had been taken nationally to "postpone" testing for the virus at food processing plants.

This was "because of the increased capacity needed at the moment to deal with people with symptoms".

"The decision to recommence Covid testing at food processing plants will also be taken at national level," she said.

"All necessary actions are taken by the HSE when informed of positive cases in a workplace – cases and close contacts are excluded from the workplace and given appropriate advice and testing."

In a statement to The Irish Times on Wednesday 9 September, a spokeswoman for the HSE said testing would resume at plants next week.

"Covid-19 testing of staff at meat and food processing facilities is being re-scheduled into next week," she said.

"This is a precautionary measure to allow us focus our resources on meeting the significant rise in demand for testing among people with coronavirus symptoms in the community.

"Testing demand nearly trebled on Monday [7 September] with a requirement for over 13,000 community tests and over 3000 hospital tests."



ALEMANIA confirma caso de peste porcina africana en un jabalí encontrado muerto

11/09/2020 - El cadáver del animal se encontró en este estado oriental, a pocos kilómetros de la frontera de Alemania con Polonia

EUROCARNE | Un jabalí muerto infectado por peste porcina africana en un bosque de la región de Brandeburgo, al este del país y cercano a la frontera con Polonia, se ha confirmado como el primer caso de esta enfermedad en Alemania.

Así lo ha confirmado la ministra de Agricultura de Alemania, Julia Klöckner, "Estamos preparados", dijo la ministra.

El cadáver del animal se encontró en este estado oriental, a pocos kilómetros de la frontera de Alemania con Polonia, en el distrito Spree-Neisse en la parte sur de Brandeburgo, en el centro de la ciudad de Cottbus.

Se tomó una muestra para pruebas de laboratorio en el Friedrich-Loeffler-Institut.

ESTADOS UNIDOS

Exportaciones de carne de vacuno en alza pero inferiores a 2019

07/09/2020 Las ventas de carne de vacuno de EE.UU. en julio se recuperaron pero son menores que en 2019, según los datos del USDA recopilados por la USMEF. Las de cerdo también fueron menores que en 2019 pero son superiores a las de junio de 2020. "Con la producción volviendo a niveles casi normales, definitivamente vimos una mejora en las exportaciones de carne de vacuno, aunque la recuperación no fue tan fuerte como se esperaba", dijo el presidente y director ejecutivo de USMEF, Dan Halstrom. "La demanda de carne de cerdo de China se ha moderado y también estamos entrando en un momento en el que las ganancias interanuales no son tan elevadas, ya que las exportaciones a China comenzaron a ganar impulso a mediados de 2019. Pero las exportaciones de carne de cerdo a México mostraron signos alentadores de recuperación en julio. y también vimos un crecimiento prometedor en varios mercados emergentes, incluidos Vietnam y Filipinas".

"También es importante recordar que los datos de exportación mensuales están en el espejo retrovisor y que los datos de ventas de exportación semanales, junto con las observaciones de nuestro equipo USMEF-China, sugieren que la demanda de China tanto de carne de cerdo como de res de EE.UU. será fuerte a través de el saldo del año, incluidas las compras para el Año Nuevo chino. Cuando se combina con el repunte en otros mercados principales, el crecimiento en los mercados emergentes y el retorno de la ventaja de suministro de EE.UU., USMEF se mantiene optimista sobre un sólido final de las exportaciones de carne roja de EE. UU. en 2020 , a pesar de muchos desafíos relacionados con la COVID-19 ".

Las exportaciones de carne de vacuno de julio totalizaron 107.298 t, un 36% más que en junio, pero aún un 9% menos que el año pasado. El valor de las exportaciones fue de 647,8 millones de dólares, el más alto desde marzo, pero un 10% menos que hace un año. Las exportaciones de julio a China aumentaron considerablemente año tras año y los envíos mostraron una tendencia al alza a Taiwán, Canadá y Hong Kong. Las exportaciones de julio fueron más bajas que hace un año a Japón y Corea del Sur y disminuyeron significativamente a México. De enero a julio, las exportaciones de carne de vacuno también estuvieron un 9% por debajo del ritmo del año pasado en volumen (698.907 t) y un 10% más bajo en valor (4.280 millones de dólares).

Las exportaciones de carne de cerdo de julio totalizaron 222.035 t, un 5% menos que hace un año, mientras que el valor de las exportaciones cayó un 12% a 548,3 millones de dólares. Las exportaciones aumentaron en comparación con 2019 a China / Hong Kong, Canadá, Filipinas, Vietnam y el Caribe. Las exportaciones a México se mantuvieron por debajo del año pasado, pero fueron las mayores desde marzo, mientras que los envíos a Japón también bajaron con respecto a hace un año, pero fueron los mayores desde abril. De enero a julio, las exportaciones de carne de cerdo se mantuvieron un 20% por encima del ritmo récord del año pasado en volumen (1,78 millones de toneladas) y un 22% más en valor (4.600 millones de dólares).

TAIWAN crece la oposición ante la flexibilización de importaciones de carnes desde EE.UU.

07 September 2020 Taiwan's main opposition party the Kuomintang (KMT) began a push on Sunday 6 September for a referendum to block the easing of restrictions on US pork imports.

Reuters reports that if the referendum passes, it could threaten a long-mooted free trade deal between Taipei and Washington.

President Tsai Ing-wen announced last month that the government would from 1 January allow in US pork containing ractopamine, an additive that enhances leanness, and US beef more than 30 months old.

Taiwan has long sought a free trade agreement with the United States, its most important supporter on the international stage, but Washington has complained about barriers to access for US pork and beef.



KMT Chairman Johnny Chiang, elected in March 2020 to help turn around party fortunes following a trouncing in January's presidential and parliament elections, said the party would begin collecting signatures for a referendum to be held next August.

"Starting next weekend on 12 September, we will spring up everywhere, getting signatures from counties and cities, showing the will of the people through concrete action," he told the party's annual conference in Taipei.

The KMT has pitched their opposition to the pork imports as a matter of food safety, Taiwan having been rocked by several safety scandals in recent years, pointing out that ractopamine is banned in major markets like the European Union.

Tsai's ruling Democratic Progressive Party has previously also strongly objected to ractopamine.

The government has defended the easing of pork imports, saying they are bringing Taiwan into line with international norms and that the decision will boost Taiwan-US ties.

Washington welcomed the move.

Taiwan and the United States are expected this month to start high-level economic talks in what could be a precursor to a broad free trade deal.

The KMT will need to collect around 200,000 signatures to get the referendum approved and put to a vote. Chiang has been trying to turn around the fortunes of the party, which traditionally favours close ties with China.

Beijing claims Taiwan as sovereign Chinese territory and has never renounced the use of force to bring the island under its control.

Tres universidades difunden estudio conjunto sobre el Impacto económico del COVID-19

September 9, 2020 Three universities analyze pandemic's short-, long-term impacts on U.S. agriculture sectors (TAMU)

The following news release is provided by Texas A&M University AgriLife.

COVID-19 is expected to reduce the U.S. gross domestic product, GDP, by \$2.5 trillion and employment by 19 million full-time equivalent jobs over the next year, according to a Texas A&M AgriLife coordinated study.

This spring Texas A&M's Department of Homeland Security, DHS, Center of Excellence Cross-Border Threat Screening and Supply Chain Defense, or CBTS, teamed up with Arizona State University's DHS Center of Excellence, the Center for Accelerating Operational Efficiency, and researchers at the Victoria University in Australia to examine the economic impacts of COVID-19 on U.S. agricultural sectors.

While certain the pandemic would have a significant impact on the U.S. economy, Greg Pompelli, Ph.D., Texas A&M's CBTS director, said the researchers used this project to gain a clearer picture of the pandemic's shorter- and longer-term impacts on the U.S. food and agriculture sectors in comparison to other critical sectors.

"This analysis gives us a critical and realistic evaluation of how the pandemic has and will continue to impact our nation's and the world's food supply," said Patrick J. Stover, Ph.D., vice chancellor of Texas A&M AgriLife, dean of the College of Agriculture and Life Sciences and director of Texas A&M AgriLife Research. "It will be critical that we work together to elevate food system concerns and develop solutions that address the economic consequences to serve as a foundation for lasting recovery."

To help understand these impacts, researchers utilized a model of the U.S. economy that included a special emphasis on the major food and agriculture sectors. The team used quarterly economic data in their model of the U.S. economy to determine the effects of the pandemic and the impacts of related policy responses on the U.S. economy and ag sectors.

Research predicts impacts

In July, the researchers completed their initial quarterly economic projections of the immediate impacts and recovery that may be experienced by the U.S. economy and agricultural sectors between March 2020 and February 2022.

"As we all witnessed, COVID-19 and measures taken to slow disease spread harmed lives as well as the economic prospects of businesses and communities worldwide," Pompelli said.

Their findings estimate COVID-19 will reduce U.S. GDP over the next year by 11.9% or \$2.5 trillion and reduce employment by 12.2% or the equivalent of 19 million full-time jobs.

However, the report concluded that compared to most other sectors such as tourism, air transport, education, restaurants and lodging, the U.S. food and agricultural sectors will experience smaller economic impacts because they were not subject to shutdowns and reductions in aggregate consumer spending brought on by job losses.

"The resulting recession had a relatively small impact on the overall demand for farm products," Pompelli said. "Still, COVID-19 caused income declines in all food and agricultural sectors."

Recession impact on world food security



The U.S. is not alone in facing difficult economic times, according to the authors of the report, including Pompelli; Peter Dixon, Ph.D., director, and Maureen Rimmer, Ph.D., professor, Centre of Policy Studies at Victoria University in Melbourne; and Ross Maciejewski, Ph.D., director, Center for Accelerating Operational Efficiency, a DHS Center of Excellence at Arizona State University.

The World Bank, according to the Global Economic Prospects Report, June 2020, predicted COVID-19 created a global recession that is considered to be the sharpest contraction in our lifetimes and affected the economies of more countries than were harmed by the Great Depression of the late 1920's.

“Sadly, the COVID-19 recession will have important humanitarian and food insecurity implications, and, through reduced global consumer incomes, could affect U.S. agricultural trade prospects which will be critical to the recovery of major U.S. agricultural sectors,” the report stated.

COVID-19 impacts to agricultural sectors

Significant impacts caused early on in the pandemic included supply-chain disruptions such as the closure of some meat processing facilities, mismatches between supplies of some goods and demand caused by school/restaurant closures, transportation problems and shortages of farm labor.

Some producers lost access to traditional marketing channels and consumers discovered they periodically could not find desired goods. These challenges led to unusual situations where retail prices increased, but prices paid to producers declined, or worse, producers could not find a channel to sell their livestock or produce. In some areas, these problems forced producers to destroy or dispose of their agricultural products.

While some of these could not be fully captured by initial modeling efforts, Pompelli said, based on their estimates, the researchers expected a 5.2% decrease in real U.S. farm income this year and projected a .76% decrease in 2021. However, USDA's latest estimate for real farm income – Farm Sector Income Forecast – September 2020 – shows an increase of 3.6% to \$102.7 billion, the highest level since 2014.

The primary difference is that direct federal government payments, which are a combination of commodity program payments and special assistance aimed at offsetting to trade and COVID-19 events, to farmers increased 64% in 2020 to \$37.7 billion. Without that support, real farm income would have been substantially lower in 2020.

The researchers also found that the economic impacts of COVID-19 were not uniform across agriculture. The team estimated livestock operations would experience more negative effects, and, in fact, USDA's latest figures show that animal product receipts in 2020 are down just over 8.1%. However, for crops, cash receipts are expected to increase 6.9%.

As noted, the federal government attempted to offset the COVID-19 disruptions through the Coronavirus Food Assistance Program that was designed to provide up to \$16 billion in direct payments to farmers and ranchers affected by the coronavirus pandemic, although to date only about half of this amount has been distributed. In addition, USDA's Farmers to Families Food Box program purchased \$3 billion in fresh produce, dairy and meat to help Americans in need. Charitable organizations, local, state and other federal efforts were initiated to support hunger relief efforts as the pandemic increased the number of people who had to rely on food banks.

What's next

While the researchers cannot predict if a second wave of the pandemic will hit the U.S., their current projections align with other forecasts about the likely path an economic recovery in the U.S. will take.

The researchers found that although the U.S. economy will steadily recover, GDP and employment going into 2022 will remain about 5% below where they would have been in the absence of COVID-19.

Their simulations also show a real depreciation in the value of the U.S. dollar, which is a bit of a silver-lining for the recovery of export-oriented U.S. agricultural sectors, such as grains and oilseeds.

Early evidence suggests their simulations were correct as the dollar has depreciated about 10% against a market basket of six international currencies since March. In addition, since May, the dollar has also depreciated almost 4.5% against the Chinese yuan and declined a little over 8.3% against the Brazilian real.

Pompelli said a weaker dollar means U.S. produced goods are cheaper on international markets, and that helps U.S. exports even if many countries are still in a recession.

USDA's most recent agricultural export estimates from the Outlook for U.S. Agricultural Trade AES-113, Aug. 26, project a \$5.5 billion increase in U.S exports in fiscal year 2021, reversing the slight decline experienced this year. Given that the Federal Reserve's low interest rates are designed to help stimulate the economy, most observers expect these policies will remain in place for several years.

In the next few months, the research team will re-estimate the economic impacts of COVID-19 by updating the influence of policy actions. They will also work with the Food and Agricultural Policy Research Institute at the University of Missouri to examine the impacts the pandemic has had and is expected to have on major U.S. agricultural commodities and trade.

Acknowledgement. This material is based upon work supported by the U.S. Department of Homeland Security under Grant Award Number 18STCBT00001-03-00.



Disclaimer. The views and conclusions contained in this document are those of the authors and should not be interpreted as necessarily representing the official policies, either expressed or implied, of the U.S. Department of Homeland Security.

AUSTRALIA

Caída de la oferta limita las exportaciones

10 September 2020

Key points:

- Beef exports constrained by domestic supply
- Exports of chilled beef growing into the United States, China and South Korea
- Some positive signs for sheepmeat exports in August

It is remarkable to reflect on the myriad of circumstances that have faced Australia's export industry over the past year. Just twelve months ago, African Swine Fever (ASF) was driving demand from China to unprecedented levels while, amid drought conditions, livestock turnoff was significantly elevated.

At present, demand and supply factors have pivoted sharply due to the impact of COVID-19 and significantly reduced livestock turnoff. In August, weekly slaughter figures for eastern cattle averaged 106,000 head, well back on the five-year average (2015–19) of 139,000 head per week.

Beef exports hit a low for the year off tight supply

Exports of beef totalled 78,000 tonnes swt in August, the lowest monthly total since January last year. Relative to last August, volumes were back 27%, while year-to-August beef exports are now back 9% on 2019, with constricting supply really starting to take hold.

The top destinations in August were Japan (19,700 tonnes swt), the United States (18,200 tonnes swt) and South Korea (13,000 tonnes swt).

Year-to-August beef exports – top five markets

- Japan: 178,000 tonnes swt (-8% on 2019)
- United States: 156,000 tonnes swt (-6% on 2019)
- China: 145,000 tonnes swt (-16% on 2019)
- South Korea: 103,000 tonnes swt (-4% on 2019)
- Indonesia: 36,000 tonnes swt (-8% on 2019)

For the first eight months of the year, total exports of chilled beef are back just 1% on 2019 levels (relative to a decline of 12% for frozen beef), with exports to the United States, China and South Korea all experiencing good growth. As the herd rebuild gains momentum, the proportion of cows to total cattle slaughter will continue to fall, which should result in a greater percentage of beef being exported as chilled prime cuts rather than as frozen manufacturing mince.

While the first few months of 2020 saw strong demand from China for chilled beef, as affluent consumers sought high quality product for cooking at home, beef volumes to China have been impacted by the temporary suspension of five Australian establishments which would normally be significant suppliers for the market.

Interestingly, it appears that much of the product which would likely have been destined for China is being re-directed towards South Korea and the United States. Relative to total Australian beef exports, South Korea accounted for 17% in August, up from 12% in August 2019, while the United States accounted for 23%, up from 19% last August. While China certainly remains a critical market, this ability to pivot and distribute beef to other high-value markets remains a key component, underpinning the stability of the Australian export industry.

Menos embarques de hacienda viva en agosto

James Nason, September 9, 2020

AUSTRALIAN cattle exports dipped to the lowest August level for more than five years with 77,559 cattle exported for the month.

Latest export data released today shows total cattle export volumes from January to August totalled 743,722, which is back on the 823,170 exported in the same period in 2019.

Exports to Indonesia reduced to 38,583 head, down from 39,988 head in July.

Shipments to Vietnam also eased back to 15,781 head, easing from 17,297 the previous month.

Exports to China increased to 13,011 breeding cattle in August, an increase on the 4000 head exported in July.

A total of 34,273 cattle were exported from the Port of Darwin in August, bringing its total exports for the year to date to 270,258 cattle.

Townsville exported 10,274 cattle and Portland 13,011, bringing total exports for the year so far to 182,077 and 105,864 respectively.



The Darwin live export steer price for Indonesia is sitting at 355c/kg. Rates in Queensland (ex-Townsville) for Vietnam are this week being quoted at 330c/kg for steers, 325c/kg bulls and 335c for feeder bulls.

Importancia económica de la industria de carnes australiana

10 September 2020

- Key points:
- Robust global demand for high quality protein contributed to increased industry turnover
- Industry value add remained resilient despite ongoing drought conditions
- Employment in the red meat and livestock industry has seen steady growth in recent years

The recently released State of the Industry Report 2020 shows that domestic and export sales of red meat and livestock in 2018-19 totalled \$28.5 billion, of which red meat exports contributed \$17.2 billion and domestic sales accounted for the remaining \$11.3 billion.

Industry turnover

Australia's red meat and livestock industry turnover in 2018–19 increased 7% year-on-year to \$72.5 billion (ABARES, IBIS World). There has been significant growth in the feedlot and on-farm sectors of the industry in recent years, incorporating beef cattle, sheep and mixed farming, with overall industry turnover increasing 42% from 2013–14 to 2018–19. The feedlot sector in particular reported a 54% increase over the same period, due to producers increasingly utilising feedlots as a means for drought mitigation and increased demand for grainfed beef in export markets.

Industry value add

In 2018–19, Australia's red meat and livestock industry value add totalled \$17.6 billion, up 1% on the prior year and 89% higher than 2013–14 levels, driven by increasing demand for high quality protein in global markets. The production sector accounted for 70% (\$12.3 billion) of overall industry value add, followed by processing at 20% (\$3.5 billion) and sales at 10% (\$1.7 billion). While accounting for only a small portion of Australia's key industry value add at 1.4%, the ability for the industry to increase overall value during the worst drought on record is remarkable.

Employment

The Australian red meat and livestock industry employed approximately 434,000 people in 2018–19, stable on year-ago levels and 5% higher than 2013–14. Of these, 189,000 people were directly employed, with a further 245,000 people employed in businesses servicing the industry indirectly. Beef cattle farming continued to provide the largest employment levels in the red meat and livestock industry at 77,000 people, while 40,000 people were employed in mixed farming enterprises in 2018–19, demonstrating increasing interest in the sector.

Number of businesses

Despite a 3% decline on year-ago levels in 2018–19 to 77,500, the number of businesses in the red meat and livestock industry has remained relatively consistent in recent years, with last year's levels in line with 2013–14. The stable number of businesses since 2013–14 contrasts with the 42% increase in industry turnover and 89% increase in value add, reflecting increased productivity in businesses in the industry.

Análisis del Mercado de cuero

Steve Kay, September 10, 2020 A monthly column written for Beef Central by US meat and livestock industry commentator, Steve Kay, publisher of US Cattle Buyers' Weekly

CATTLE hides for the past few years have been waging a battle with synthetic materials that have increasingly been used in everything from footwear to car seats. New evidence suggests that synthetics have significantly impacted world-wide demand for leather. But the hides and leather industry, at least in the US, is fighting back.

The reason is obvious. Cattle hides for many years in the US added as much as US\$60 to the value of a fed steer or heifer and accounted for two-thirds of the value of all by-products.

But as is also being seen in Australia, hide prices began eroding in 2018 and have not recovered. Now the COVID-19 pandemic has delayed any improvement in hide prices and the global leather market.

16pc of hides sent to landfill

Last year saw a highly depressed hide market. Nearly 16 percent of all US cattle hides produced went to landfill, because there was no market for them.

Global demand for hides and leather began to improve marginally at the start of this year, but the onset of the pandemic heavily impacted demand as tanneries from China to Italy closed down.

This forced hide prices to go lower again and meant an even larger percentage of hides have gone into landfill than before the pandemic began. But tanneries, especially in China, appear to be operating more normally now and hide traders are cautiously optimistic that hide prices and global demand will start to improve again.



About 5.5 million US cattle hides failed to reach the leather value chain in 2019, says the Leather and Hide Council of America (LHCA). These hides have almost all gone into landfill, as there is no other practical way to dispose of them. A few more hides, percentage-wise, have gone into landfill since the onset of the pandemic, says LHCA president Stephen Sothmann.

Hide demand and prices saw the slightest bit of growth prior to COVID-19, says Sothmann. But they then weakened again. Native unbranded US hides in late August were fetching only US\$29-30 versus a high of US\$120 five years ago. Branded cow hides have no market so are all going into landfill. USDA at the end of August reported a butt-branded steer hide brought US\$26.

Small price increase

China has been the major market this year for US hides, says Sothmann. Its tanneries and those in Italy are now up and running again. So the industry is finally seeing a very small price increase. Hopes are that prices will increase enough for hides to get back to breakeven levels in a couple of months, he says.

Declining new luxury vehicle sales is one of the factors behind slower demand for cattle hides for leather. Leather usage by auto-makers accounts for 20pc of global hide usage and has been the bright star for the leather industry. But 50-60pc of all leather goes into footwear and has been hard hit by the use of synthetic materials, he says.

The leather industry previously tried to compete with synthetic materials by making leather look just like synthetics, says Sothmann. The industry is now focusing on promoting the natural attributes of leather versus synthetic and is attempting to re-educate consumers about leather's unique qualities, he says.

The industry was also feeling pretty good pre-pandemic that leather was becoming fashionable again among top clothing designers. The industry hopes this trend will grow, he says.

Meanwhile, following reports of hides and skins going to waste in Bangladesh after the recent Eid al-Adha festival, AJ Hollander's chief operating officer, Ben Ganz, said in a post on social media that the same problem persists in the US.

AJ Hollander is based in New York and has hides processing plants in Nebraska, Texas, Tennessee and Wisconsin where it fleishes and cures hides and skins. It has a capacity to process 10,500 hides per day. It was no longer economically viable for AJ Hollander to collect and process certain hides, owing to their low value in the leather market, wrote Ganz. These hides are being dumped in landfills by packers instead.

The availability of cheaper, petrochemical-derived synthetic alternatives was one of the factors pushing the demand for and value of leather lower, wrote Ganz. US landfills are filling up and oil companies are profiting.

Clothing, furniture and auto manufacturers are happy too because they can use a cheaper oil-based product while claiming to be environmentally-conscious'. It is time for consumers to make it clear to finished product brands that they will not stand for these lies any more, he wrote.

Consumers who want to protect the environment should instead buy products made from leather produced in environmentally sustainable tanneries, Ganz wrote in his social media post.

Impact on by-product values

The low price of hides means that US by-product values are currently averaging only US\$7-8 per cwt or US\$98-112 per head. Contrast this with the record high prices in 2014. The weekly record of US\$16.69 per cwt set the week ended August 23, 2014 put US\$234 per head in US packers' pockets. Those were the days when packers called by-product values (also called the drop credit) the 'fifth quarter' of an animal.

No one, however, will shed a tear for fed beef packers that hide prices and by-products values are the lowest in many years. US packers reported record beef earnings in the April-June quarter, with Tyson reporting operating income of US\$615 million, which I calculate was close to US\$500 per head. July and August saw margins of US\$250-300 per head.

EMPRESARIAS

JBS: su estrategia para sortear las restricciones por COVID 19

Reuters September 8, 2020 SÃO PAULO (Reuters) - JBS SA, the world's largest meatpacker, has vowed to keep the world fed during the coronavirus pandemic. Executives say the company has added more than 15,000 new workers in Brazil this year to crank out cuts of chicken, pork and beef, a lot of it for export. The meat giant's \$629 million second-quarter net profit was almost twice what analysts expected.

But that windfall has come at a cost: More than 4,000 JBS employees in Brazil are known to have tested positive for coronavirus and at least six have died from COVID-19, according to records from local health authorities and information gathered by prosecutors and three employee unions investigating the company. Outbreaks have struck at least 23 plants in seven states, prosecutors, health officials and union representatives told Reuters, helping to fuel the pandemic across South America's largest country.



JBS, based in São Paulo, denied wrongdoing. The company repeatedly has defended its response to the pandemic in Brazil, saying publicly that the health of its workers is the "principal priority." It declined to comment on infections and fatalities, saying it shares COVID-19 data only with authorities.

With more than 4.1 million confirmed coronavirus cases, Brazil trails only the United States and India in the size of its outbreak; almost 127,000 Brazilians have died. Some JBS plants have become a locus of community spread, Brazilian health officials and prosecutors said.

JBS's initial brush with the virus came in its U.S. operations in March when it cut production at a Pennsylvania beef plant after managers displayed flu-like symptoms. The temporary closing of two JBS facilities due to major outbreaks, one at a Colorado beef plant, the other at a pork facility in Minnesota, also made headlines.

Less well-known are its difficulties in Brazil, where the company has become a magnet for litigation. Since April, prosecutors in some of the nation's biggest agricultural states have filed 18 lawsuits in the country's specialized labor courts to force JBS to implement stricter worker protections in at least 17 of the meatpacker's Brazilian plants that have experienced coronavirus outbreaks.

Other meatpackers, too, have battled the virus in their plants. Brazil-based companies including Marfrig and BRF have reached agreements with prosecutors to conduct systematic, ongoing testing of their workers to minimize spread and keep operating.

JBS, in contrast, largely has resisted prosecutors' calls to perform such testing, which is not expressly required under Brazilian law.

"There is no obligation coming from the government, the regulatory or the health agencies for meatpackers to carry out tests," JBS said in a statement.

Reuters reviewed judges' rulings and information submitted by prosecutors as part of their JBS investigations. The news organization also interviewed more than 30 people with knowledge of the infections at JBS plants in Brazil, among them prosecutors, former and current health officials, union leaders and workers.

Among the claims made by prosecutors as well as by government labor inspectors who documented conditions at two JBS plants: The virus spread at JBS because the company did not perform its own workplace testing, failed to provide frontline employees with sufficient masks and other safety equipment, and did not quickly isolate workers who tested positive or showed symptoms of COVID-19.

Prosecutors are seeking rigorous testing and quarantine protocols, adequate personal protective gear and greater spacing between laborers in the Brazilian meat factories. They are also asking JBS for damages ranging between 3 million reais (\$566,091) and 20 million reais (\$3.77 million) to help local communities near most of the affected plants procure medical equipment and fund social projects.

"JBS is a world leader in its industry and should set an example," said Heiler Natali, a prosecutor overseeing legal action against the company in southern Paraná state. "JBS does not want to test workers and take responsibility."

The legal disputes resulted in the temporary shutdown of six JBS plants in Brazil this year, according to prosecutors.

JBS said only five of its hundred-plus Brazilian facilities were affected by the shutdowns, and that the sixth factory cited by prosecutors was never closed.

Beyond Meat anunció que instalará una fábrica en Shanghai

AFP•September 8, 2020 Beyond Meat reached a deal to start production of its plant-based meat substitutes in China in early 2021

Beyond Meat is looking to take a bite out of the massive Chinese market, announcing plans on Tuesday to produce its plant-based beef, pork and chicken in the Asian nation.

The US substitute meat startup said it plans to open two facilities near Shanghai, after reaching an agreement with the Jiaying Economic & Technological Development Zone.

The wholly-owned subsidiary of the California company plans to start production in early 2021.

"China is one of the world's largest markets for animal-based meat products, and potentially for plant-based meat," said Beyond Meat CEO and founder Ethan Brown in a statement.

The facilities will include "one of the world's largest and technologically advanced plant-based meat factories," in a "vitally important country and market," Brown said.

Beyond Meat products are marketed in more than 80 countries, but the China outpost would mark a major expansion.

Paraguay: Grupo empresarial chileno hará millonaria inversión en Frigoasunción

Fuente: Valor Agro. 09/09/20

Un grupo empresarial de industriales y ganaderos, con más de treinta años de tradición en el rubro cárnico de Chile, inició el proceso de puesta en marcha de la Planta N° 05, hoy denominada Frigoasunción, la cual contempla una millonaria inversión en los próximos cinco años, cercana a los US\$



60 millones. El presidente de la firma, Cristian Vicuña, comentó a Valor Agro que Frigoasunción “está preparado para atender el mercado interno” y, a mediano plazo, “incorporar algunos mercados internacionales para la exportación de carne”. Sin embargo, Vicuña señaló que, en la primera etapa, que consta de un periodo aproximado de doce meses, Frigoasunción “no saldrá al mercado ni al cliente final”, sino que “se dedicará a prestar servicios a ganaderos, intermediarios, carniceros y a todas las personas que necesiten hacer faenas y despostes, incluido una marca propia”. La firma prevé iniciar faenas en las próximas horas. La planta cuenta con una capacidad instalada de procesar 500 animales al día y requiere la mano de obra de 250 colaboradores del sector industrial, más trabajadores externos al frigorífico y administrativos. El Ejecutivo explicó que el pago del ganado será conforme a la calidad de hacienda que se ofrezca. Además, contó que durante el proceso industrial el productor recibirá informes completos de acuerdo al rendimiento de cada balanza. “Una trazabilidad absoluta”, agregó. En ese sentido indicó: “Hemos desarrollado un sistema que busca que el cliente tenga el peso exacto con la medición de nuevas balanzas sin intervención de personas. El ganado se pesa vivo cuando ingresa a la planta, después se vuelve a pesar al gancho previo al frío, donde se genera el segundo informe; posteriormente se emite un tercer informe en el post frío para calcular la pérdida de humedad, un cuarto resultado para aquellos productores que incluyen hasta las menudencias en su negocio, y finalmente un quinto informe que da el cien por ciento del peso lógico”. Por último, Vicuña aseguró que “hay potencial en Paraguay” y “las condiciones están dadas para conseguir excelente calidad de carne, hay seriedad y un interesante hato ganadero”; con un mercado interno que “tiene necesidades y no hay abastos suficientes para cubrir esa demanda”.